Depoente: José Maria Rabelo

Entrevistador: Claudia Graça da Fonseca, Vanessa Padrão de Vasconcelos Paiva, Celso Gomes Travassos

Data: 04 de maio de 2017

CLÁUDIA: Hoje é dia 4 de maio, são 16 horas 20 minutos, é entrevista oitiva com o jornalista JOSÉ MARIA Rabelo. Estão presentes VANESSA Paiva, JOSÉ MARIA Travassos e CLÁUDIA Graça da Fonseca. Podemos começar.

JOSÉ MARIA: Bem, eu acho que devo começar falando sobre uma experiência que marcou toda a minha, a minha carreira de comunicador e também de lutador social, me considero assim, um militante, né, das lutas sociais, que foi a criação do Binômio, o nosso jornal do Binômio, em 1952. A imprensa de Belo Horizonte era dominada por, por poucos jornais conservadores, um deles existe até hoje aí, com a mesma, com a mesma, com a mesma alma, que é o Estado de Minas, não é? E então nós dissemos: "Olha, é preciso respirar, porque a imprensa aqui é inteiramente abafada por essa, por esses interesses que a controlam." Nós éramos jornalistas, jovens jornalistas, que trabalhavam em outros jornais, eu tinha 22 anos e o Euro, Euro Luiz Arantes, foi meu sócio, tinha 23. Então nós ficávamos no jornal pensando: "O quê que nós vamos fazer?", aí, assume o governo aqui de Minas, depois o presidente Juscelino Kubitschek, que era um emérito controlador da mídia, e com métodos suasórios, ele não era da violência, mas ele era da generosidade financeira, distribuía dinheiro a rodo pros jornais, e era uma espécie de unanimidade no Estado. Nós então resolvemos lançar um jornal, que era o inverso disso, nós dizemos: "A imprensa de Belo Horizonte tem um 1% de independência e 99% de compromissos escusos. Nós vamos lançar o nosso, estamos lançando o nosso que tem 99% de independência e 1% de compromissos escusos.", 1%, sabe o que era o 1%? Era o Café Caçula que tinha na Rua da Bahia, pequenininho, e que nós fazíamos permuta em troca de anúncio pra tomar café lá sem pagar.

CLÁUDIA: Pra tomar café.

JOSÉ MARIA: é. E Aí, que nome encontrar? Como escolher um nome apropriado? Naquela época Juscelino tinha lançado, Juscelino Kubitschek tinha lançado o programa dele administrativo, se chamava Binômio Energia e Transporte. E.. e nós dizemos que ele era uma postura, que ele, sabe? Que ele fazia aquele programa, aquele projeto dele, programa administrativo era para enganar a opinião pública. Então nós dissemos: "Contra

o binômio da mentira Energia e Transporte, o Binômio da verdade, nosso Binômio: sombra e água fresca.", aí que surgiu o Binômio, Binômio: Sombra e Água Fresca.

CLÁUDIA: Sombra e Água Fresca.

JOSÉ MARIA: É. Ele nasceu como um jornal humorístico. Depois ele continua humorístico, o humor foi sempre, assim, presente à história do jornal, em todas as épocas, mas na primeira fase ele era exclusivamente humorístico, mesmo porque nós não tínhamos condições financeiras de fazer um jornal maior, então tinha que ser na base do humor, porque o humor, uma piada derruba um governo, sabe? Então nós tínhamos certa vocação pro humor, e falei: "Vamos fazer isso aí.", E então como é que saiu o jornal? Saiu no dia, 22 de fevereiro de 1952, e tinha grandes tiradas jornalísticas, assim, humorísticas, que o consagraram. E pra vocês verem, a primeira edição, é, nós tiramos, modestamente, 2.000 exemplares, é o que muito jornal tira hoje por aí em Belo Horizonte, uma cidade que tinha 300 mil habitantes. E foi tão grande a aceitação do público, que nós tivemos que tirar uma segunda edição com mais 2.000 exemplares, se esgotaram. Aí tivemos que tirar uma terceira, então essas três edições esgotaram e nós ficamos entusiasmados, né. E tinha coisas realmente, grandes tiradas que o jornal tinha, e eu até sempre quando falo aí pra escolas de jornalismo, digo que a história da imprensa alternativa brasileira, e o Binômio, com o seu humor, naquela época e depois com grandes reportagens, era um jornal alternativo, quer dizer, alternativo o quê? Alternativo à imprensa conservadora, à grande mídia, né. A imprensa alterna... a história da imprensa alternativa brasileira moderna compreende três fases, três momentos: uma a do Pasquim, do, do, da manha, do famoso general, famoso Barão de Tararé.

CLÁUDIA: Barão de Tararé, aham.

JOSÉ MARIA: Que foi de 1948 até fim, até, até 1960, por aí. Era um grande humorista. Era um cientista, (trecho incompreensível) era um cientista o Barão, e Apparício Torelly.

CLÁUDIA: Apparício Torelly.

JOSÉ MARIA: Apparício Torelly. E, mas era um sujeito genial, basta uma frase dele que eu sempre cito: "Todos os homens são iguais, e uns até piores.".

CLÁUDIA: É muito bom isso, "uns até piores".

JOSÉ MARIA: É. Então, é. Depois de 52 a 64 veio o Binômio, que mexeu com a vida de Minas Gerais. O que nós aprontamos aqui, depois nós vamos falar sobre isso, e o Binômio tinha um estilo muito, era sarcástico e ao mesmo tempo muito alegre, muito risonho. Por exemplo, naquela época o jogo era livre, então lá em Araxá havia vários cassinos em Minas, um deles, o mais famoso era de Araxá, cassino do Hotel de Araxá,

do Grande Hotel de Araxá. E quem era o concessionário desses cassinos chamava-se Joaquim Rolla, uma família muito tradicional aqui, Casa Rolla que existiu até pouco tempo. Então, com dois Lss, né, para... Alguma ressalva era com dois Ls, Rolla com dois Ls. E o Binômio, uma vez Juscelino veio aqui, e ele falou: “Não, isso aí é...”, ele viajou para Araxá com Joaquim Rolla, que era o concessionário do cassino.

CLÁUDIA: Dono do cassino.

JOSÉ MARIA: Era. Então qual foi a manchete do Binômio? “JK foi a Araxá e levou Rolla”.

CLÁUDIA: Essa é boa.

JOSÉ MARIA: Entendeu? O Binômio não fazia pornografia, usava muito o duplo sentido.

CLÁUDIA: Aham.

JOSÉ MARIA: E, e... e tiradas assim que chocavam e ao mesmo tempo divertia a cidade. As pessoas ficavam esperando o Binômio sair, ele era quinzenal, depois semanal. Era um momento, assim, de alegria na vida da cidade, posso dizer isso, tais eram as piadas que nós fazíamos. Vou mostrar pra vocês aqui. Aí começou a onda da imprensa conservadora, da imprensa contra nós, que o Binômio era pornográfico, o Binômio devia ser proibido de circular e tal. Então nós, o quê que fizemos? Nós anunciamos uma edição realmente imprópria pra menores, essa edição não deve ser exposta aberta nas ruas, nas bancas, porque ela contém matérias deletérias aos bons costumes de Minas, às tradições mineiras, sabe? Então todo mundo ficou esperando o quê que vem, se o Binômio já, já é assim, né? E, e... inclusive a polícia se preparou pra, pra apreender o jornal tão logo ele circulasse, porque ele saía, era distribuído nas bancas e vendido pelos, pelos, é... pelos meninos que saíam gritando. Nós tínhamos uns cinquenta vendedores, cidade pequena e aquilo ali incomodava muito. É, é... o quê que nós fizemos? Apenas esperando, a polícia inclusive nos esperando a saída do jornal na, no domingo, porque ele circulava domingo, nós circulamos sábado de manhã com a edição imprópria edição que não devia, edição imprópria pra menores de 18 anos. Os pais de família não devem levá-lo para casa, sabe? E o quê que dizia essa edição? Para um bocadinho aqui pra mim que eu vou, esqueci de marcar aqui aonde é que estava. Essa edição é uma edição histórica na, uma edição histórica na, na, na, na imprensa de Minas. Foi um sucesso espetacular, todo mundo esperando. Onde é que tá? É tanta coisa que a gente escreve que acaba até esquecendo onde é que tá. Aqui. Não é essa não. É muito engraçado. Isso tudo feito, não estamos gravando não, viu? Isso tudo feito por, por dois jornalistas, inclusive quebrados, que não tinham dinheiro, não tinham, fizeram com cara e com a coragem. Como é que some?

CLÁUDIA: É, eu já levei uma vez o caderno dele para casa.

JOSÉ MARIA: Virou história, tá lá.

JOSÉ MARIA: Oh, gente, agora como é que eu faço? Onde é que eu encontro isso aqui?

CLÁUDIA: Uai, cê quer que eu ajudo?

VANESSA: Não tem no, no.

CLÁUDIA: No índice?

VANESSA: No índice.

JOSÉ MARIA: Deixa eu ver aqui se tem no índice.

CLÁUDIA: No índice, às vezes...

JOSÉ MARIA: Já faz tanto tempo, já fiz tantas outras vezes e tanta coisa que eu acabo.

CLÁUDIA: É.

VANESSA: É coisa demais.

CLÁUDIA: É muita coisa.

JOSÉ MARIA: Hein?

CLÁUDIA: É muita coisa, né?

JOSÉ MARIA: Então eu vou abrir um parêntese aqui, vou vendo umas coisas aqui vamos gravando, a gente chega lá.

CLÁUDIA: É, vai vendo, a gente vai conversando.

JOSÉ MARIA: Então vamos lá. É, pode, podemos continuar gravando?

CLÁUDIA: Pode, aham.

JOSÉ MARIA: Então, o seguinte, o jornal foi sempre, teve sempre essa, essa cara humorística, que, que fazia rir, mas rir refletindo sobre a situação, não era um riso inconsequente, sabe? E, e... Mas denunciando o que nós chamávamos das grandes injustiças sociais, vamos ver aqui, é. Reportagem, grandes reportagens, comércio de seres humanos, quando nós, através, com reportagem do jornalista e depois escritor Roberto Drummond, nós compramos um casal de retirantes em Montes Claros, na região de Montes Claros, pra comprovar o tráfico de pessoas.

CLÁUDIA: De humanos?

JOSÉ MARIA: Seres humanos. Uma reportagem de grande repercussão. Roberto foi premiadíssimo por essa reportagem. Depois fizemos uma outra reportagem aqui sobre a discriminação racial em Belo Horizonte, “Ódio racial contra negros e judeus”. Nós inclusive matriculamos uma menina negra, por telefone, qual é que foi o colégio aqui? É colégio que existe até hoje, é, é, é... Sacré Coeur de Marie, todos esses colégios, Sion, Sacré Coeur de Marie, Sacré Coeur de, de Jesus, Santa Maria, todos eles, é, não

aceitavam, não aceitavam meninas negras. Nós não vê essas (trecho incompreensível) querem lá na Savassi, nós matriculamos por telefone e quando chegamos lá eles viram que a menina era negra, deram uma desculpa que não podiam aceitar, aceitar lá. E assim o Hotel Amazonas também, hotel também era assim, não aceitava negro. Hoje, até hoje tem esse Hotel Amazonas, nós fizemos uma reserva, e quem era, era um advogado negro, bem vestido, aí quando ele chegou lá e viram que ele era negro, disseram que não tinha mais vaga. E assim nós vínhamos fazendo grandes reportagens. Depois a última entrevista concedida pelo Caryl Chessman, cê lembra deste caso famoso, no corredor da morte, ficou a última entrevista dele foi dada a um repórter do Binômio. “Chessman: sou inocente”, dizia ele. Depois Whisky de Belo Horizonte inaugurou Brasília, uma quadrilha de falsificante de, de whisky daqui, e o whisky todo tomado na inauguração de Brasília...

CLÁUDIA: Era falso?

JOSÉ MARIA: Era *made in* Belo Horizonte, sabe?

CLÁUDIA: Ah, *made in* Belo Horizonte é ótimo.

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: Aqui, e como que era esse, esse, o papel do Binômio então era assim, era publicar coisas que os grandes jornais não, não publicariam?

JOSÉ MARIA: Alternativo, é.

CLÁUDIA: Eles iam a reboque? Como que era, assim? Depois que o Binômio...

JOSÉ MARIA: Aí eles tinham, eles vinham porque as reportagens repercutiam na Assembleia Legislativa, na Câmara de Vereadores, na Câmara de Deputados, né, então eles tinham que, que acompanhar. Aí aqui três reportagens especiais, três reportagens especiais. Uma delas nós fizemos, é, com um deputado, antigo deputado que era muito conhecido pelas tiradas, ele era conhecido como “burrinho do PTB”, ele era do PTB e ele era muito atrasado, Wilson Modesto, não sei se se lembra dele. E três reportagens, olha aqui, entrevista com ele, ele disse: “Não sou tão burro assim.” Lição de matemática. Nós conseguimos que ele fosse prum quadro negro.

CLÁUDIA: Oh, gente!

JOSÉ MARIA: Ele escreveu 2 mais 2 é igual a 5. Tá aqui, ó, ele (trecho incompreensível).

CLÁUDIA: Tá a fotografia.

JOSÉ MARIA: É. Depois conseguimos que ele abraçasse um cavalo, um burro, e a legenda foi assim: “Um e outro”. Depois tiramos uma fotografia dele aparecendo em primeiro plano os pés, em primeiro plano o mais importante. É.

VANESSA: Como é que era a reação das pessoas mais atingidas?

JOSÉ MARIA: Olha...

VANESSA: Eles tentavam alguma coisa?

JOSÉ MARIA: Tentavam de tudo, é. E inclusive o que foi o grande acontecimento na história do Binômio, que foi a depredação, né, pelos militares. Porque essa foi a resposta mais violenta que nós tivemos. Mas então o humor começava, é... Borjalo, que foi um grande chargista da imprensa brasileira, trabalhou no Binômio.

CLÁUDIA: Depois no Pasquim no (trecho incompreensível)?

JOSÉ MARIA: Entrou depois o Ziraldo, Ziraldo trabalhou muito no, no Binômio.

CLÁUDIA: No Binômio?

JOSÉ MARIA: É. Então, aqui então nesse livro aqui, nós, no livro aqui essa, estou aqui com ele, "Binômio, edição histórica", nós reconstituímos grande parte do, do que era, que eram as matérias do, do... então muito interessante, sabe? E Célios Alto, o barão de, como é que chama? O General da Banda.

CLÁUDIA: General da Banda.

JOSÉ MARIA: Que foi aqui falado, dos homens mais inteligentes e talentosos que eu, que eu já vi. Que piadas formidáveis que ele inventava, sabe? Na hora. "Me empresta dois mil réis, até depois de amanhã?", "Você tá sem sorte, não tenho um tostão aqui.", "E em casa?", "Em casa vão todos bem, obrigado." Ele era muito engraçado, o Célios. Olha aqui: "Garçom, garçom, eu te peço arroz com camarão, e não estou vendo nem arroz nem camerão, nem camarão aqui no prato.", "Nossa, senhor gerente, corre aqui que o camarão comeu o arroz do moço." É, é. "Quando o caixão fúnebre ia passando, aquele curioso perguntou para o sujeito ao lado: 'Quem é o morto?', 'Não sei bem, não.', respondeu o outro, 'Mas deve ser o que vai no caixão.", ele era foda. "Menino, diabo, quem quebrou esse açucareiro? Não sei, mãe, mas deve ter sido o Brizola.", o Brizola era sempre acusado de...

CLÁUDIA: O Brizola era a bola da vez, e culpado de tudo na época?

JOSÉ MARIA: É, pois é. "O outro, sim, era um funcionário de carreira, entrava apressado na repartição às onze e meia e saía correndo às onze e quarenta e cinco." Ele não perdoava nada, ele era realmente, o Célios Aldo foi o maior de todos que passaram pelo Binômio na parte de, na parte de humor, sabe? Todos. E olha que a equipe era ,era formidável, viu? Inclusive eu, eu que fazia uns humor também é...

CLÁUDIA: E como isso, assim, **VANESSA** perguntou, né, como é que era a reação dos, é, né? Dos que eram alvo, né, do Binômio, assim, principalmente parece que vocês tinham, assim, Juscelino, né, um grande alvo...

JOSÉ MARIA: Juscelino era, o Juscelino era muito esportivo, ele, ele recebia bem.

CLÁUDIA: Ele recebia bem?

JOSÉ MARIA: É, ele recebia bem. Olha aqui ó, essa, a capa do livro...

CLÁUDIA: A capa, é.

JOSÉ MARIA: O quê que é essa capa? O jornal virou Minas de cabeça pra baixo, essa é a fotografia do Juscelino com a cadeira na cabeça, olha só.

CLÁUDIA: É.

JOSÉ MARIA: Porque era o contrário. Essa foto foi feita no Palácio da Liberdade, ele fazia muita festas lá, o chamado *Garden Parties*, e numa dessa começou a chover, chuviscar, então todo mundo botou as cadeiras, na, que era (trecho incompreensível).

CLÁUDIA: Na cabeça.

JOSÉ MARIA: E nós então fizemos a foto e publicamos a foto de cabeça pra baixo. Você vê ele ria, ele morria de rir das coisas do Binômio. Agora, outros não. Bias Fortes depois, por exemplo, que foi o governador seguinte, esse fez as maiores violências contra o Binômio, sabe? Tanto.

CLÁUDIA: Pois é, que tipo de violência, assim, o que ele fazia?

JOSÉ MARIA: Exemplo: nós uma vez houve uma inauguração de um clube de campo lá em Barbacena nós fomos. Ele mandou a capangada nos esperar na saída, foi uma luta danada, nós lá, o Euro saiu muito ferido e tal, coisas assim. E perseguição junto às gráficas, que nós não tínhamos oficinas, nós imprimíamos em gráficas particulares, então ele pressionou as gráficas todas de Belo Horizonte pra que não continuassem imprimindo o Binômio. Daí então nós tivemos que ser impressos no Rio. Durante muitos anos nós imprimimos o jornal no Rio, trazíamos de caminhão pra cá, porque aqui não havia uma gráfica sequer.

CLÁUDIA: Uma gráfica que, que aceitava?

JOSÉ MARIA: Que pressionada pelo governo. “Aqui todos os homens têm seu preço e uns até fazem descontos.” “Sim, é verdade, o Sol nasce para todos, mas a sombra é só para o patrão”. Então era piadas por todo, sabe? Muito engraçado. “Era mesmo azarado, era mesmo azarado, quando entrou pelo cano, apertaram o gatilho.” Não, era, era muito engraçado, eu queria ver se achava essa, essa matéria aqui que é, que é, que é formidável.

VANESSA: Da imprópria?

JOSÉ MARIA: Da edição imprópria, sabe? Como é que some assim, gente?!

CLÁUDIA: Outro que era muito alvo de vocês era o, como é que ele chama? Antônio Luciano.

JOSÉ MARIA: Antônio Luciano, veja só essa charge aqui que tá na última página: "Belo Horizonte cresce", porque Luciano era um banqueiro, Antônio Luciano, a maior fortuna de Belo Horizonte, e ele tinha, dizem, que era 30.000 lotes, ele invadia terrenos e tudo, era um bandidão. E era banqueiro, era dono do banco Financial da Produção, antigo banco Financial da Produção, que o Binômio dizia que era Banco Financial da Reprodução, porque ele pegava as meninas todas.

CLÁUDIA: É, ele tinha essa fama de...

JOSÉ MARIA: Ele era um, aí um desbravador aí de fronteiras. E... e...

VANESSA: Até hoje tem, tem briga, né, de filho dele que aparece.

JOSÉ MARIA: As famílias, até hoje...

VANESSA: Até hoje aparece.

JOSÉ MARIA: Ele tem 60 herdeiros habilitados na justiça, pra distribuir a fortuna dele. E as freiras, que cuidou primeiro as filhas, a filha, as filhas e o filho do primeiro casamento ficaram com a metade, então eles ficaram milionários. Então inclusive aquele hotel na Rua Espírito Santo, como é que se chama ali? Aquele...

VANESSA: Tem um que é o Finan... tem um Financial...

CLÁUDIA: Dayrell?

JOSÉ MARIA: Grand Dayrell.

JOSÉ MARIA: É, aquele é deles. O Financial, o prédio todo é deles.

VANESSA: Financial que era deles.

JOSÉ MARIA: E tem estacionamentos aí pela cidade toda.

CLÁUDIA: É. Onde eu moro, eu moro na região da Pampulha, no bairro Dona Clara.

JOSÉ MARIA: Sei.

CLÁUDIA: Áreas inteiras do bairro ainda são de herdeiros dele.

JOSÉ MARIA: Pois é. Então o seguinte...

CLÁUDIA: É uma coisa impressionante!

JOSÉ MARIA: Essa, essa, isso aqui que sai na, na capa do livro, esse "Belo Horizonte cresce".

CLÁUDIA: Com as mocinhas aí com neném.

JOSÉ MARIA: É uma mocinha entrando com, com, com a bolsinha na, na mão e no outro lado já sai com neném no colo, e lá no fundo: “Banco Financial da Reprodução”. Ai, meu Deus, essa história que eu queria que contar pra vocês.

VANESSA: E divertia também.

JOSÉ MARIA: Hein?

VANESSA: Você se divertia.

JOSÉ MARIA: Não, mas o jornal era muito engraçado. Agora, com uma visão social da, da, da história, da vida, sabe? Tomando sempre o lado, o Binômio nunca, nunca aceitou publicidade que fosse para suborná-lo, nunca, nunca, respeitou cara, se tiver, sabe? O povo acreditava, o povo amava o Binômio, o povo amava o Binômio, sabe? Essa é a verdade. Quando veio 64, e como nós havíamos denunciado a preparação do golpe desde 61...

VANESSA: Ah, pois é, isso é que eu queria saber.

JOSÉ MARIA: Pois é, depois vamos chegar lá. E nós fomos alvo, assim, da violência, do, da, dos golpistas e que diz mais aqui Célio: “Não, senhores, eu sou baixinho assim mesmo. Mas quem é esse? Quem é.”, olha, essa piadinha, “Quem é esse, mas quem é esse que tô satirizando?”, ah não, esse a história maior eu não vou ler, não, senão fica, fica muito grande. Queria ver era isso aqui, historinha. “É um país de pouco pão, todos brigam e ninguém tem ração.”, ração. “Aquele, todo aqui, aquele. Porque quando Seu Bias Fortes tava visitando o museu, a múmia de Ramsés II saiu do sarcófago e gritou, cheio de alegria: ‘alô, titio!’.”, porque o Bias Fortes era muito, muito reacionário, muito cri-cri.

CLÁUDIA: Muito arcaico assim. Ah, que ótimo.

JOSÉ MARIA: É. Foram reportagens econômicas, reportagem, mas tudo numa, com uma, com uma, com outro enfoque, sabe? Depois que ele foi crescendo, porque no começo não, ele era só humor mesmo, porque não tinha nem condição. É...

CLÁUDIA: Vocês chegaram a ter uma equipe, assim?

JOSÉ MARIA: Tinha, não, nós tínhamos.

CLÁUDIA: De quantas pessoas?

JOSÉ MARIA: Claro, nós chegamos a ter uns 20 funcionários fixos no final.

CLÁUDIA: Olha.

JOSÉ MARIA: É, e...

VANESSA: Ficou claro, a imprensa, a imprensa normal, aí, né, a grande imprensa, chamada grande imprensa, ela começa logo em 61, 62, ela denunciava alguma coisa em relação a...

JOSÉ MARIA: Ao Golpe?

VANESSA: À possibilidade do Golpe?

JOSÉ MARIA: Nada, denunciava nada.

VANESSA: Nada, né?

JOSÉ MARIA: Não. Quem denunciou isso desde o início foi o Binômio, e começa, e essa denúncia tomou aspectos, assim, dramáticos, com essa, esse incidente que eu tive com o general João Punaro Bley, que era o comandante aqui da, do 12, que era a unidade.

VANESSA: Ah, o 12 RI?

JOSÉ MARIA: É, que era a unidade militar mais importante de Belo Horizonte na época, a 4ª Região, Comando da Região era em Juiz de Fora. E depois do Golpe é que ela veio pra cá, a autoridade mais importante era o comandante do 12, que era o, aliás não era comandante do 12, ele era comandante... Não, não era do 12, era comandante da zona de Belo Horizonte, chamava-se João Punaro Bley, e era um fascista, mas um fascista, eu ouço as palavras com, com, com muito respeito ao seu sentido, fascista não é só um direitista, só direitista, é um direitista que é de direita e que é fascista. Ele era fascista, inclusive prestava homenagem aos nazistas a aos fascistas lá quando ele foi interventor do estado novo no Espírito Santo.

VANESSA: Ah, ele veio do Espírito Santo pra cá?

JOSÉ MARIA: É, é. E tinha, impôs ao Estado um regime de estado de sítio permanente, inclusive perseguindo muitos jornalistas, passavam inclusive a exigir quando saía uma matéria contra ele, que os jornalistas engolissem o jornal e tomassem óleo de rícino. Chegou a construir campo de concentração pra presos políticos. E ele, em 61, outubro de 1961, ele foi, ele foi nomeado, agosto mais ou menos de 61, praqui, pro comando aqui da Zona Militar de Belo Horizonte, e... e... e foi é... convidado em outubro para falar na Associação Comercial sobre a, a situação política, nós vimos da tentativa de golpe contra o João Goulart, né, que tentaram impedir a posse.

CLÁUDIA: A posse.

JOSÉ MARIA: Foram dias muito tumultuosos. E... e lá na Associação Comercial ele se apresentou como grande democrata, alertando o país para a ameaça do comunismo, que naquela época era isso, sabe? Então o Binômio fez uma reportagem sobre, sobre o

general, nós mandamos inclusive dois repórteres ao Espírito Santo, fazer o levantamento. Depois não sei se você conheceu, o José Nilo Tavares que foi jornalista.

VANESSA: Conheci, uhum, conheci.

JOSÉ MARIA: E foi professor da lá faculdade do Rio.

VANESSA: É, da faculdade, é.

JOSÉ MARIA: Foi ele que era repórter do Binômio na época e que fez essa reportagem, é... trazendo revelações, é... gravíssimas sobre o passado desse general hoje defensor pregoeiro da democracia. A reportagem é essa: "Quem é afinal esse general Punaro Bley?", que era um ante título, e vinha a manchete: "Democrata hoje, fascista ontem." E isso foi na, saiu no domingo, e mostramos a incoerência, né, desses defensores da democracia, esse, esse passado, né?

VANESSA: Que lindo.

JOSÉ MARIA: Um está no corredor.

VANESSA: Bonito.

JOSÉ MARIA: É. Aí isso foi no domingo, na segunda, segunda-feira, os jornais da época circulavam na segunda, é, porque estava impresso no Rio, e na quarta ele me telefonou de manhã querendo uma conversa, e eu disse: " Olha, muito bem, estou às suas ordens aqui no jornal, o senhor pode...", aí marcamos às 11 horas pra ele ir lá. E, e ele foi, mas não, e foi fardado, com aquele bastonete de comando, ele não devia ir para uma conversa de, né? Devia ir como um civil. É, já foi para intimidar, foi fardado para intimidar. E... e eu já sabia, eu tinha um ritual pra receber os ultrajados, sabe?

CLÁUDIA: Aham.

JOSÉ MARIA: Eu os deixava lá uns 15, 20 minutos sentado na sala de espera, pra refletir sobre o que ia fazer e tal. E no Binômio se fazia tantas denúncias que era muito comum...

CLÁUDIA: Não era incomum essas visitas?

JOSÉ MARIA: É. Então, mas ele não, ele chegou, entrou na sala e foi lá com o jornal na mão, e o bastão na outra, e: "Quem foi que escreveu essa merda contra mim?", aí eu falei com ele: "Olha aqui, não foi merda, isso aí não é merda, não, isso é uma reportagem muito fundamentada e eu sou o autor dela, e eu sou responsável por tudo que sai no jornal.", "Então você é um filho da puta.", e me agarrou pelo pescoço. Mas ele não sabia que eu lutava bem na época, eu era, eu praticava judô e (trecho incompreensível) pra questões de defesa, né? E acabou tomando uma boa lição, sabe? Nós rolamos pelo chão e logo depois entraram, os companheiros, nos separaram e ele tava, saiu do jornal com o

olho esquerdo fechado e um hematoma grande do lado direito, no lábio. E a roupa toda desgrenhada, aquela coisa, sabe? E quando saía, aí subiu o capitão, que ajudante (trecho incompreensível) dele: “Mas meu Deus! O que fizeram com meu general?”, falei: “Olha aqui, aqui não tem ‘meu general’ nem ‘meu jornalista’, nem ‘meu capitão’, aqui são duas pessoas, há um que é o agressor e outro que é agredido.”, o cara: “Mas quem é que é agressor? O senhor que é agressor”, eu falei: “Não, ele que é agressor, agora, ele é um agressor mal sucedido, porque ele veio pra me agredir.” E, mas isso tudo num ambiente de muito nervosismo, né?

CLÁUDIA: É, não era com essa calma.

JOSÉ MARIA: Que eu tô contando aqui, né? E ele ainda ficou mais um tempo lá discutindo, insultando, aí chegou a polícia, nós chamamos a polícia e a polícia o autuou por invasão de, de domicílio e, e, e, e agressão. E ele quis botar banca com, com, com o sargento que estava na rádio de patrulha, que o sargentinho foi, falou: “Não, general, porque a autoridade aqui sou eu, o senhor faz o favor de me respeitar.”, e foi autuado, depois foi embora e o capitão disse: “Mas isso não vai ficar assim!”, falei: “Isso eu sei, mas você não vai voltar aqui, tenho certeza”. E três horas depois, cerca de duzentos soldados, sob o comando dos três comandantes das regiões, das unidades militares de Belo Horizonte, o 12, o CPOR e a Base Aérea foram ao jornal e destruíram tudo.

VANESSA: Invadiram.

JOSÉ MARIA: É, comandado pelos comandantes mesmo. Destruíram o jornal todo, não ficou nada, sabe? Jogavam máquina de escrever pela, pela janela.

CLÁUDIA: Nossa.

JOSÉ MARIA: Destruíram tudo, sabe? Só não destruíram o que nós tiramos de lá, documentação e matérias que a gente precisava, aí que nós guardamos, escondemos em outros escritórios do prédio, né. E eu tive que sair de Belo...

VANESSA: Aonde que funcionava?

JOSÉ MARIA: Ficava na Rua Curitiba, 656, cruzamento de Carijós.

VANESSA: Ah, tá.

CLÁUDIA: Ok.

VANESSA: É ali cen... bem central?

CLÁUDIA: Pertinho da gente hoje.

VANESSA: É.

CLÁUDIA: De onde a gente.

VANESSA: É, onde nós estamos hoje.

CLÁUDIA: Onde é a Comissão da Verdade, hoje ela funciona ali na São Paulo com Amazonas.

JOSÉ MARIA: São Paulo com Amazonas.

CLÁUDIA: Onde era a perfumaria Lourdes, não sei se você lembra.

JOSÉ MARIA: Eu sei, eu já estive lá, eu estive lá.

VANESSA: Olha, então era bem central.

JOSÉ MARIA: É, mas era, era, era a quarteirão e meio de lá, né?

CLÁUDIA: É, quarteirão.

VANESSA: Desceram o pau mesmo? Quebraram tudo?

JOSÉ MARIA: Mas tudo, quebraram tudo, tudo, sabe? Tá aqui a fotografia, ó, sobrou nada. Bom, eu com a falta de segurança, eu fui pra São Paulo, eu fui muito perseguido lá, teve uma repercussão até mundial.

CLÁUDIA: Isso aí foi em 61?

JOSÉ MARIA: 61, foi dia 21 de dezembro de 61, sabe? E até repercussão mundial, Le Monde, New York Times, (trecho incompreensível) sabe? E aí então fui pra São Paulo, fiquei uns oito dias lá com os colegas jornalistas de lá, que me deram todo apoio, depois voltei pra Belo Horizonte e reassumi o jornal que foi, não deixou de circular. Ele era semanal nessa época, e dois jornalistas assumiram a direção, que eles eram do Binômio, um morreu, que era o Lúcio, Lucinho Nunes, Lúcio Nunes, e um que está aí até hoje, que é o Rui de Almeida.

CLÁUDIA: Ah, o Rui a gente vai...

VANESSA: É, nós até conversamos com ele.

JOSÉ MARIA: Pois é. E o Rui, e eles assumiram a direção da tiragem do jornal, e, e aí repro..., repetindo, reproduzindo a reportagem que tinha dado margem ao.

CLÁUDIA: Ao, a, a...

JOSÉ MARIA: É, essa, essa reportagem causou a depredação do (trecho incompreensível) a depredação do Binômio.

VANESSA: Ela foi reeditada?

JOSÉ MARIA: Foi reeditada. Um artigo meu, né, sabe?

VANESSA: Que ótimo. Corajosos.

JOSÉ MARIA: E aí ficou muito engraçado, que eu saí de Belo Horizonte de batina. É, a batina do padre, Padre Lage, Padre Lage me empresou a batina.

CLÁUDIA: Padre Lage?

JOSÉ MARIA: É, e eu tenho a batina até hoje, sabe? Eu quero dar, falar nisso, onde é que tá o museu da (trecho incompreensível) o museu que ia ser feito? Vocês têm ideia disso?

VANESSA: O museu da... Memorial, né?

CLÁUDIA: Qual que é?

JOSÉ MARIA: É, memorial.

VANESSA: Ele não, não tá feito ainda, né.

JOSÉ MARIA: Pois é, lá na, lá na Rua da Bahia.

VANESSA: Vai ser, é...

JOSÉ MARIA: Eu tô com esse, com essa...

VANESSA: Vai ser lá na Fafich.

JOSÉ MARIA: Eu tô com esse.

VANESSA: É. Uai, seria, né? Agora, tem um, que eles estão recolhendo, tem muita coisa que eles estão recolhendo na UFMG, que é o pessoal da história, não é?

CLÁUDIA: É.

VANESSA: "História da República", alguma coisa assim.

CLÁUDIA: É, tem o Projeto República, né?

VANESSA: Projeto República. Parece que eles tão recolhendo muito material, eu não sei. Teria que ver pra quem vai, porque eu acho que cê tem toda razão, seria bom lá pro museu...

JOSÉ MARIA: Memorial.

JOSÉ MARIA: Memorial.

CLÁUDIA: Memorial da Anistia.

VANESSA: Memorial, é, da, da...

JOSÉ MARIA: É, porque essa batina tá aí, (trecho incompreensível) é uma beleza.

VANESSA: Uai, é claro.

JOSÉ MARIA: Entendeu?

VANESSA: Vai ser ótimo.

JOSÉ MARIA: É. Então eu saí de Belo Horizonte, fui pra São Paulo, né, porque eles estavam me procurando.

CLÁUDIA: E essa volta, como é que foi?

JOSÉ MARIA: Não, aí era o...

CLÁUDIA: Pra mesma sede?

JOSÉ MARIA: Era o João Goulart.

CLÁUDIA: Pro mesmo....

JOSÉ MARIA: Era o João Goulart, então os removeu daqui, eles foram todos removidos, e clima muito ruim, mas eu pude voltar e assumir o jornal. Um clima, assim, de muita insegurança e tudo, sabe? Porque ameaças por telefone, trotes as pessoas passavam e tal. E eu sempre tive um esquema de segurança muito bom também, sabe? Como é que eu podia manter um jornal daquele? E fui. Agora, chegou 64, era a hora da vingança. E eu escapei por questão de segundos, porque eles foram ao Binômio dia 29 de, de março, eles puseram em Belo Horizonte uma operação chamada, é... como se chamava a operação? É... operação, que dizia abafa, alguma coisa assim, sabe? E prenderam toda, toda a liderança de esquerda, toda pessoa suspeita de esquerda com alguma liderança eles prendiam. E eles foram ao Binômio, mais ou menos às 11 horas do dia 29 de, de, de março, era um general aposentado, muito provocador, de direita mesmo, e dois, e dois capitães, e dois capitães pra me prender. Pois cê acredita, isso é um negócio que a gente conta e fica parecendo filme. Naquele preciso momento que eles subiam lá pro 6º andar, a redação do jornal, eu tava descendo pelo outro elevador, e nos cruzamos no caminho.

CLÁUDIA: Mas sem, sem saber?

JOSÉ MARIA: Nada.

CLÁUDIA: Sem saber que eles tavam indo?

JOSÉ MARIA: Nada, nada, não, ninguém sabendo que eles iam prender no dia 29, igual foi dia 31, eles tavam, tavam fazendo a limpeza da área pro golpe.

CLÁUDIA: Ahum, tavam preparando, né?

JOSÉ MARIA: É, então.

CLÁUDIA: Esse, essa coisa do Binômio tava entre os preparativos.

JOSÉ MARIA: Não, a minha prisão e a de outros do Binômio, que eles tavam prendendo aquelas pessoas que se o... que poderiam ter alguma participação na resistência aqui e tudo. E nós não sabíamos. Então eles subiram por um elevador e eu desci pelo outro, e nos cruzamos no caminho sem saber. Quando cheguei lá embaixo, o porteiro, o Geraldino, um pretão enorme, falou assim: “Oh, Zé Maria, cai fora que os homi aí tão te procurando.” Eu digo que foi o conselho mais sábio que eu recebi na minha vida, entendeu? E daí, a partir daí desapareci, sabe? Eles queriam fazer comigo, depois bem mais tarde, quando eu voltei do exílio, o que fizeram com o Gregório, Gregório Bezerra, que era deputado do Partido Comunista, que tinha tido um problema militar na revolução de 35. Ele foi um dos chefes da revolução em 35, lá no, lá no, em Pernambuco. E lá

houve conflitos e morreram alguns militares, dois ou três militares, e eles então tinham aquela coisa com ele, aquela marcação.

CLÁUDIA: Queriam vingar?

JOSÉ MARIA: Eles fizeram com esse, eles desfilaram com ele de cueca pelas ruas de Recife, arrastando com a corda no pescoço. Eles queriam fazer comigo a mesma coisa, porque disse que eu tinha agredido o exército, tinha agredido o general, sabe? Eu escapei assim, dessa maneira. E... aí fui pra São Paulo, mais uma vez, aconselhei quem quisesse sumir, o melhor lugar não é, não vai pro interior, vai pra fazenda, não sei o quê.

VANESSA: É, claro.

JOSÉ MARIA: Você chega numa fazenda você chama atenção, né? Só pela cara, que é diferente do pessoal que vive lá no campo, essa coisa, então, você vai pra cidade grande, em São Paulo. Eu fui uma vez mais fui pra São Paulo, e esperei lá uns dois meses pra ver se havia alguma resistência, não havia mais, então vamo então pro Rio pra entrar em alguma embaixada, porque várias embaixadas continuavam ainda no Rio, embora a capital tivesse sido transferida pra Brasília. E a embaixada da Bolívia estava lá e através de alguns contatos o embaixador concordou em me receber como exilado, então, a partir dali, e lá eu fui companheiro inclusive do José Serra, que também tava exilado lá, hoje tá aí nessas posições horríveis. E fomos, pro, pra Bolívia. Da Bolívia, houve o golpe na Bolívia, quando o General Barrientos é... derrubou o governo base extensora, que era um governo reformista, e nós então tivemos que sair para o segundo exílio, que foi no Chile. Lá na Bolívia nós fizemos uma experiência de jornal, que se chamava El Clarín, que era um jornal progressista, que teve um grande sucesso em pouco tempo, que foi fechado pelo golpe, não é? E...

CLÁUDIA: E esse jornal era voltado pra quem? Era o público em geral?

JOSÉ MARIA: É, esse um jornal diário.

CLÁUDIA: Diário?

JOSÉ MARIA: É, ligado ao MNR, que era o partido do presidente, de uma ala progressista do MNR, sabe? Que, Movimento, Movimento Nacionalista Revolucionário que era MNR.

VANESSA: E aí cês foram pro Chile?

JOSÉ MARIA: Aí fui pro Chile.

VANESSA: Já no período Allende?

JOSÉ MARIA: Não, não, não, não, não, não. Era, era, era ainda, era ainda Eduardo Frey. Não, nem era, era ainda Alessandri, era ainda 1900 naquela época.

VANESSA: Aquela?

JOSÉ MARIA: É. Aí chegamos ao Chile e cê imagina, aí tinha a questão pessoal (trecho incompreensível), imagino que ele tinha mulher e sete filhos.

VANESSA: Sete filhos.

JOSÉ MARIA: Sendo que três menores tinham entre um, dois e três anos.

CLÁUDIA: Nossa senhora.

JOSÉ MARIA: Sabe? E então ela foi também pra Bolívia, arrumou uma passagem lá pra ir pra Bolívia, e nós estávamos lá procurando casa, um apartamento pra, pra morar, nós íamos morar, ia morar lá, quando veio o golpe lá também. E, e é engraçado as coisas curiosas que a gente, eu gosto muito de andar nas horas, assim, mais dramáticas de ver o lado humorístico, engraçado. Ela era muito loirinha, Tereza, não sei se cês, cês se lembram, e, e... tava lá, movimento já contra o governo, (trecho incompreensível) e viva la revolución, aquela multidão de índios, porque lá 80% são de índios, né. E as feições indígenas, as roupas indígenas e tudo, tava lá os indígenas e o povo na rua, aquela. E nós íamos contra a manifestação, dobrou a esquina, nós íamos atravessando. Você sabe que eles viram aquela, aquela mulher loura (trecho incompreensível), parecia ser uma aparição, sabe? Cê sabe que a Tereza parou a revolução? Parou a revolução pra que ela pudesse passar. Se eu conto essa piada, que é engraçadíssima, sabe? Pra eles era um negócio que era estranho aquilo ali, aquele, aquela, aquela figura.

VANESSA: Uma loira, uma loirinha aparecendo no meio.

JOSÉ MARIA: No meio da massa, né? E era mui... era jovem ainda e tal. E aí fomos pro Chile, e lá chegando, começar tudo de novo, ela voltou pro Brasil e aí fomos vendendo o que nós tínhamos, casa, essa coisa, terreno, pra manter a família, né, porque manter, ela era funcionária federal, tinha até um bom salário, mas sete crianças, né?

CLÁUDIA: É muito, é muito menino.

JOSÉ MARIA: A família toda ajudou, mas foram dias muito, muito difíceis da nossa vida, sobretudo da vida dela. Até que eu, um ano depois, pude levá-los pro Chile, com aquela criançada toda, ela com aquela criançada toda. E... não sei se cê conheceu Fernando Rabelo, que é fotógrafo.

CLÁUDIA: Eu lembro dele.

JOSÉ MARIA: Ele era o penúltimo, inclusive no aeroporto.

CLÁUDIA: Ele era pequenininho então?

JOSÉ MARIA: É, ele tinha o quê? Nessa época tinha dois anos e três anos. E lá no aeroporto de Santiago, antigo aeroporto, chamado Cerrillos, não é de hoje Pudahuel que

é o, é...Quando nós estamos lá pra pegar o carro, os companheiros foram lá me buscar e tal, entendeu? Chega um funcionário do, do, do, do aeroporto falou: “Acho, acho que essa criança também é sua, né?”, o Fernando tinha ficado pra trás, tinha ficado pra trás, sabe?

VANESSA: Era tanto que tinha que fazer contagem.

JOSÉ MARIA: É. E então aí ficamos no Chile e... eu já tinha arrumado emprego nessa época, numa instituição internacional, e... mas houve, logo, houve uma eleição que elegeu o Eduardo Frey, depois a eleição do Allende, e aí foi outra...

VANESSA: Outro golpe.

JOSÉ MARIA: Outro, os processos mais, políticos mais dramáticos da história da América Latina, os avanços do governo socialista, é... desapropriando terra, fazendo a reforma agrária, desapropriando grandes empresas, bancos, e o povo participando do processo. E a direita, enfurecida, isso que nós vimos aqui, bateção de panela, essas coisas, isso é pouco diante do que foi lá.

CLÁUDIA: O Chile teve muita greve, greve, assim, né, muito coisa de abastecimento, né?

JOSÉ MARIA: Desabastecimento forçado pelas, pelos grandes grupos.

CLÁUDIA: Pelo, pelos grandes grupos, né?

JOSÉ MARIA: É. E essa reação lá da direita foi toda financiada pelos Estados Unidos.

CLÁUDIA: E foi articulada, assim, né?

JOSÉ MARIA: Toda articulada e financiada pelos Estados Unidos, a CIA participou ativamente.

CLÁUDIA: Uhum.

JOSÉ MARIA: E isso hoje já tá comprovado aí.

VANESSA: (Trecho incompreensível) América Latina mesmo, né?

JOSÉ MARIA: É, é. E, e o Chile com toda.

VANESSA: Foi de golpe em golpe.

JOSÉ MARIA: Com toda a tradição democrática do Chile, né? Que foi uma ditadura que conta que, que não é da índole chilena, eles tinham mais de cem anos sem golpe de estado.

CLÁUDIA: Uhum. E como que era, nesse momento, a relação com o Brasil, né?

JOSÉ MARIA: Pois é.

CLÁUDIA: O Brasil com a Ditadura, com os jornais aqui, com as pessoas que ficaram?

JOSÉ MARIA: Pois é, nós, lá também, lá nós fizemos uma experiência muito interessante, inclusive com mais um companheiro aqui de Minas, que você deve conhecer o Edmur Fonseca.

VANESSA: Eu conheço de nome.

JOSÉ MARIA: Pois é. Ele, que é, que era marido da minha atual mulher.

VANESSA: Oh?

JOSÉ MARIA: É.

VANESSA: Eu vou te contar, viu.

JOSÉ MARIA: É. Então...

VANESSA: Esse mundo cruza.

JOSÉ MARIA: É. O Edmur Fonseca, ele era do nosso grupo e nós fizemos lá uma publicação que se chamava, como é que se chamava? Sei que era uma publicação em que nós dávamos notícias sobre a ditadura no Brasil. Ah, era um nome muito, aliás muito, muito expressivo: “Novas Cartas Chilenas”, porque as cartas chilenas...

VANESSA: As Cartas Chilenas.

CLÁUDIA: Doou.

JOSÉ MARIA: Né? Tomás Antônio Gonzaga.

CLÁUDIA: Tomás Antônio Gonzaga.

JOSÉ MARIA: E na inconfidência que, supostamente, eram escritas no Chile, né? (trecho incompreensível) aqui.

VANESSA: Exato. Olha que legal.

JOSÉ MARIA: E se chamava “As Cartas Chilenas”, porque o Chile já era uma democracia nessa época, então era alguém que tava no Chile que escrevia contando as histórias da dita... da, daqui do Brasil. Então nós estávamos no Chile, éramos um grupo de brasileiros, e mineiros, então nós lançamos as Novas Cartas Chilenas. Tiramos acho que 9 ou 10 números, sabe? Um boletim muito interessante e, e, e fazemos muitas reportagens, damos material, pro, pra imprensa de lá e, sabe, sobre o que era a ditadura no Brasil. E mandávamos isso de alguma maneira pra o Brasil.

VANESSA: Mas é isso é que é, é interessante, que hoje é muito fácil, a gente tem...

JOSÉ MARIA: Ah, entra na internet e sabe tudo.

CLÁUDIA: Pois é. Agora, como que vocês faziam...

JOSÉ MARIA: Era difícil, olha, pra chegar, os jornais brasileiros chegavam lá, mesmo todo censurado, 5, 6 dias de atraso, sabe? E custavam caro.

VANESSA: Vocês tinham emissário pra trazer coisas?

JOSÉ MARIA: Não, não tinha, os jornais tinha venda na, tinha.

VANESSA: Não, pois é, mas vocês?

JOSÉ MARIA: Nós aproveitávamos pessoas que iam lá, principalmente...

VANESSA: Ah, tá.

JOSÉ MARIA: Funcionário das companhias aéreas.

VANESSA: Olha.

JOSÉ MARIA: Aí o caso do, do, como é que se chamava? Do que foi depois, do, como é que foi o caso dele? Do... até lembrei do nome agora mesmo, o, o... que foi depois morto, assassinado, o filho dele escutou, escreveu lá, como é que ele chamava? O...

CLÁUDIA: Brasileiro?

JOSÉ MARIA: É, brasileiro, aquele, foi, foi, foi preso aqui porque uma brasileira que vinha do Chile trazia uma série de documentos pra ele, de informação. É... agora nem não lembro o, o...

VANESSA: Clandestino de colaboração.

JOSÉ MARIA: Paiva?

VANESSA: Paiva?

JOSÉ MARIA: É. Como é que ele chamava?

CLÁUDIA: Parente seu então.

VANESSA: Meu parente.

JOSÉ MARIA: Pois é. ele era deputado, foi deputado.

CLÁUDIA: Rubens Paiva?

VANESSA: Rubens.

JOSÉ MARIA: Rubens Paiva.

CLÁUDIA: Rubens Paiva.

JOSÉ MARIA: E, e ele foi vítima desse material que vinha sendo trazido do Chile pra ele. E apreenderam a portadora.

VANESSA: Que interessante. Então quer dizer que essa colaboração, cês continu... conseguiram...

JOSÉ MARIA: Nós continuávamos, porque de vez em quando apa... havia brasileiros que iam lá, companheiros, amigos, então, né? E então havia sempre um, não ficávamos inteiramente isolados. E a gente procurava, inclusive ouvir rádios daqui, sabe? E era difícil, as rádios, montanha, os andes atrapalhavam, a gente tinha que ir lá pro alto da montanha pra, pra pegar as notícias, nós sabíamos horário, sabe? No carro e tudo. E..

mas nós nunca nos desativamos, não, nós continuamos mesmo estando lá, trabalhando e denunciando a ditadura brasileira.

VANESSA: Agora tem uma coisa também, Zé Maria, que é interessante, é o seguinte: é... nós tivemos, durante esse período mais rígido mesmo, né, de 64 até 70 e alguns aí, 78, por aí, a gente teve muito, muita colaboração de correspondentes que às vezes a gente não, hoje, na época a gente não sabia, hoje a gente sabe que eram jornalistas brasileiros que estavam fora que usavam pseudônimos, né? Que escreviam, que conseguiam publicar em jornais brasileiros. Vocês mon... Esse grupo de vocês, quer dizer, cês, em todos esses países que você passou, cês mantiveram essa, esse grupo, essa certa, uma certa...

JOSÉ MARIA: Não, não havia assim uma coisa...

VANESSA: Formal, né?

JOSÉ MARIA: Estruturada assim não. Mas havia esse trabalho, porque nós nunca nos, o que eu disse, nós nunca nos desmobilizamos, nós fazíamos reuniões permanentes lá.

VANESSA: Ah, sim.

JOSÉ MARIA: E tínhamos lá no Chile, por exemplo, tinha a chamada “caixinha”, que era uma, uma fundação lá que nós fizemos, não era legali... legal, não, mas um grupo pra, pra ajudar os que chegavam. Então os que estavam lá trabalhando e tal, e eles entravam com, nós entrávamos com par, e a caixinha dava uma pensão por algum tempo, algum dinheiro. Tanto que no Chile, exilado nenhum passou, assim...

VANESSA: Necessidade?

JOSÉ MARIA: É, é, que foram, sabe? Em outros lugares não havia essa, essa, essa organização. E, mas sempre muita solidariedade, a minha casa, por exemplo, era uma pensão de passagem lá, aquela de passagem de, de gente que, que, que ficava lá conosco, chegando.

VANESSA: Isso eu ouvia comentário, em Paris eu ouvi isso, eu acho que já era 70 e tantos.

JOSÉ MARIA: Pois é. Ao contrário de outros, Fernando Henrique, por exemplo, só foi muito egoísta, nunca ajudou ninguém, sabe? Até eu conto no outro livro aí chamado “Diáspora” que ele... dizem, entendeu? Que tinham a, a... como chamava a senhora dele? A escrito... a socióloga também.

VANESSA: É, que era antropóloga, não é?

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: Dona Ruth.

JOSÉ MARIA: Dona Ruth.

VANESSA: Ruth Cardoso.

JOSÉ MARIA: Que era, então quando chegava, eles tinham lá na, na, pendurado na porta uma meia furada com um ovo, e toda vez que chegava alguém lá com cara de pedinte, ela ia lá, pegava e começava a cerzir a, a meia.

CLÁUDIA: As meias dele?

JOSÉ MARIA: Pra dizer, pra dizer que a situação (trecho incompreensível).

CLÁUDIA: Que eles estavam sem dinheiro?

JOSÉ MARIA: Fernando Henrique nunca ajudou ninguém, não, sabe? Foi muito egoísta, sabe? Ele, ele como pessoa... O Serra não, o Serra até que era mais, sabe? O Serra até no, no Golpe ele se expôs muito, ele botou muita gente em embaixada, depois inclusive teve que entrar por causa disso, aí foi pra embaixada da Itália e foi pra Itália. E o que não o redime das posições de hoje, né?

CLÁUDIA: É.

VANESSA: Que ele resolveu assumir, né?

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: Mas o Fernando Henrique já era assim desde...

JOSÉ MARIA: Ah, sim, ele nunca...

VANESSA: Fernando Henrique era...

JOSÉ MARIA: Mas então eu encontrei aqui aquela matéria que eu falei, (trecho incompreensível).

CLÁUDIA: Ah, qual que é a edição? A que é imprópria pra menores?

JOSÉ MARIA: A edição, a edição imprópria aqui, ó: “Esta, esta edição imprópria para menores de 18 anos, não pode ser exposta aberta nas bancas.”, entendeu? E qual é a matéria? “Deitar-se na cama com o Brigadeiro”, é uma entrevista com Assis Châteaubriant, que era muito desbocado, mas aqui que eu sempre gosto de, de ler pra mostrar aqui o que é que é humor. Uma das matérias dessa, dessa edição foi transcrita do Diário Oficial, o Minas Gerais publicou isso, sabe? E nós pegamos essa coisa, que dizia o seguinte: “Dona Heroína e o Pinto”, des... aí vem entre aspas: “despacho na secretaria de educação sobre uma professora Heroína Freitas que pediu a juntada do sobrenome Pinto”, aspas, a decisão: “Não consta que Dona Heroína Freitas tenha Pinto. Se o tem, não o usou até agora. Se o Pinto é do seu marido, tem o direito de usá-lo oficialmente. Há consideração superior. Defiro à Dona Heroína o uso do Pinto, desde que prove sua existência”. Isso aqui é antológico, é antológico.

CLÁUDIA: Oh, gente, não, mas jura que isso foi publicado assim?

JOSÉ MARIA: Publicado no Minas Gerais.

VANESSA: Que ótimo, gente.

JOSÉ MARIA: Foi publicado no Minas Gerais, foi despacho. Sabe quando foi? A Tribuna de Minas reproduziu isso no dia 5 de setembro de 72.

CLÁUDIA: A Heroína e o Pinto.

JOSÉ MARIA: É. Coisas fantásticas.

VANESSA: A juntada do Pinto.

JOSÉ MARIA: É, e aqui o outro, o outro... Isso nós estávamos mostrando que os jornais que nos combatiam não tinham autoridade moral pra fazê-lo. Porque essa piada aqui foi republicada pela, pra Tribuna de Minas, então nós fomos mostrando o que os jornais publicavam, sabe? Aqueles jornais que nos combatiam. Olha essa aqui, é... é...: "História sobre o sugestivo, sugestivo título de Pirarucu, no jornal oficioso Folha de Minas, de 9 de setembro de 1951. O Joãozinho, excelente arqueiro do Vila, em insistente reserva no Atlético, exerceu há tempos a profissão de garçom. Certa vez, num restaurante de luxo, serviu peixe a uma senhora. Esta, grande entendida no prato, ao ver aquela massa que o Joãozinho trouxera, temendo uma intoxicação e querendo certificar-se do que iria ingerir, perguntou ao guapo goleiro: 'Pirarucu? Pirarucu?' e o Joãozinho rápido olhando pros lados: 'Tiraram, sim, senhora." Esse jornal oficioso. A Folha de Minas vai por aí, um punhado, um punhado, sabe? Mas foi uma repercussão tão grande, tão grande! Olha aqui, isso aqui, Alterosa, revista da família brasileira.

VANESSA: Ah, eu lembro da Alterosa.

JOSÉ MARIA: Era assim que ela se intitulava.

VANESSA: É, exatamente.

JOSÉ MARIA: "Carnaval, ai, quantas vezes.", isso aqui é um poema de quem? Djalma Andrade, que era, né? E "Carnaval, ai quantas vezes? As imprudentes Marias choram tristes nove meses, as imprudências de três dias. Antes que a noite se acabe, lá se vai tudo que é seu, e ela sorri, mas bem sabe que não volta o que perdeu.", isso foi o jornal da família brasileira, sabe? Então foi tão grande, que cê sabe que nunca mais eles mexeram com o Binômio? A imprensa não teve mais jeito de falar diante, dessa, dessa, dessa edição proibida que nós, sabe? E, e...

VANESSA: Que senso de humor, hein, tinha essa equipe.

JOSÉ MARIA: Não, a turma era muito talentosa.

CLÁUDIA: Muito boa.

VANESSA: Nós não podemos é exagerar, né gente? Vamos... Cê gostaria de registrar mais alguma coisa?

JOSÉ MARIA: Dizer o seguinte, que essa foi um, essa, essa luta do Binômio, foram, foram 12 anos, nós não, não, nós não morremos como muitos jornais, o Binômio foi morto pela Ditadura, ele tava em plena expansão. Inclusive nós íamos lançar uma edição nacional, estávamos planejando isso, sabe? E... Mas isso faz parte de uma história, no meu caso, que vem desde menino, que lá em casa eu me lembro que desde adolescente eu sempre tomava o lado dos empregados, inconscientemente, eu não tinha ideia do que fosse socialismo, nem luta de classe, nada disso! E depois, no colégio, sempre também lá nos colégios internos que estudei, toda vida marcada por isso. Depois, aqui em Belo Horizonte, com um momento muito bonito pra nós que foi a campanha do petróleo é nosso, que resultou na Petrobrás, e preso várias vezes, inclusive espancado lá no Rio, e depois a luta em defesa do governo Goulart contra o Golpe, exílio, no exílio continuamos fazendo, desenvolvendo essas atividades que eu contei pra vocês. E reportagens no exílio, palestras e, inclusive no Chile, essa, isso muito, que eu acho muito bonito, essas "Novas Cartas Chilenas", né? E coisa da... E depois a volta, assumimos aqui sem parar. E até hoje, quando já... Antes fui, eu fui presidente do PDT aqui 18 anos, e o PDT era um partido de esquerda, mesmo sobretudo em Minas.

VANESSA: Exato.

JOSÉ MARIA: Né? E hoje eu tô, já também já o peso do tempo é muito grande, né? Mas aqui eu falei aqui com você a teoria do estilingue, você tem um estinliguezinho aqui que é isso, tô aqui usando nesse momento um estilingue, nessa entrevista com vocês. E eu sempre digo: "Mas o estilingue é tão, tão frágil, tão, tão, né, com tanto pouco poder de fogo.", eu digo: "Esse, esses 50 milhões de estilingues, cê já imaginou se todo mundo participasse e procurasse aportar alguma coisa, né?"

CLÁUDIA: É.

VANESSA: Nós estamos precisando distribuir uns estilingues aí.

JOSÉ MARIA: É um arsenal poderosíssimo, né? Então toda essa vida foi assim, desde, desde menino até hoje. Não tô me vangloriando de nada, entendeu? Tô apenas depondo, contando uma história da qual eu me orgulho muito (trecho incompreensível). Nessa altura da vida, meu grande orgulho, minha grande alegria é poder olhar para trás sem medo e sem vergonha.

CLÁUDIA: É. Olha, o que não é pouco, de jeito nenhum.

JOSÉ MARIA: É, e nem todo mundo pode fazer.

VANESSA: Agora me fala alguma coisa, em algum momento, depois que cê voltou, vocês voltaram, antes de vocês, né, se encontrarem, talvez não trabalhando junto, em algum momento o estado brasileiro fez algum reconhecimento?

JOSÉ MARIA: Não, nós, nós tivemos uma, uma reparação, né, no caso da...

VANESSA: Com relação ao Binômio, houve algum...

JOSÉ MARIA: Não, o Binômio não, o Binômio nós, nós não tínhamos documentação, não tínhamos nada. Ah, sobre o Binômio não. Binômio não recebemos nenhuma, nenhuma indenização.

VANESSA: E algum reconhecimento, assim...

JOSÉ MARIA: Não, não.

VANESSA: De público, de que houve um?

JOSÉ MARIA: Um habeas corpus? Não.

VANESSA: É.

JOSE MARIA: Meia culpa.

VANESSA: Tipo, é, é. Sabe? Tipo meia culpa.

JOSÉ MARIA: Confundi meia culpa com meu habeas corpus.

CLÁUDIA: Não, é uma coisa...

VANESSA: Tipo meia culpa. Porque o que eu fico pensando, **JOSÉ MARIA**, é o seguinte...

JOSÉ MARIA: Isso aqui vocês levam pra lá, viu?

VANESSA: Ah, que coisa boa.

CLÁUDIA: Ah, a gente, pra Comissão?

JOSÉ MARIA: É.

VANESSA: Que coisa boa.

CLÁUDIA: Aham. Ótimo.

JOSÉ MARIA: Pode levar isso aqui também, ó. Pera aqui, deixa eu anotar isso aqui. Esse aqui, esse foi o último que eu sa... que eu soltei agora, que é sobre o exílio.

VANESSA: Oba! Esse eu quero ler antes de levar, tá? Eu vou ler antes de levar.

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: É, mas a gente tem que ler mesmo, faz parte do trabalho da gente, né.

VANESSA: O que eu fico pensando do Binômio é o seguinte, sabe, **JOSÉ MARIA**, por tudo que a gente leu, que a gente tá estudando, vendo e tal, o Binômio, do ponto de vista da importância dele pra imprensa em Minas, é muito significativo, então quando eu falo

assim de um, de um reconhecimento do Estado, é porque realmente houve uma destruição de...

JOSÉ MARIA: Não, a verdade é o seguinte, que quando eu voltei do exílio, eu achei que não devia mexer com isso por causa da situação.

VANESSA: Claro, claro.

JOSÉ MARIA: Quando eu, aí, passado algum tempo, eu entrei, eu sou anistiado lá na Comissão da Anistia lá em Brasília, eu achei que não, não era, acumular, ficava ruim, sabe?

VANESSA: Aham, claro.

JOSÉ MARIA: Então não quis mexer. Mas na verdade outros jornais que foram perseguidos todos receberam indenização, não é? Inclusive o Estado de São Paulo, que foi fechado no Estado Novo, ele recebeu indenização gigantesca quando voltou à redemocratização do país, entendeu? E outros jornais que foram destruídos em 64 e... e... Aí eu achei que num, num, num, sabe? Não entrei, não entrei com o devido processo. Sabe?

VANESSA: E realmente, é um, é, um, é uma briga meio, né, por tudo que você passou, quer dizer, você ficou (trecho incompreensível).

JOSÉ MARIA: Não, não, era tiro certo, ganhar disso, uai.

VANESSA: Cê ficou uns 15 anos fora?

JOSÉ MARIA: Dezesseis anos.

VANESSA: Dezesseis anos?

JOSÉ MARIA: É. E a destruição do jornal, que o jornal era uma, tinha uma grande tiragem, publicidade, cheio de publicidade e tudo.

VANESSA: É aquilo que você falou, tava crescendo?

JOSÉ MARIA: E tinha duas edições, tinha uma em Juiz de Fora desde 58, nós passamos a tirar uma edição também em Juiz de Fora, pra Zona da Mata, que o Estado era muito, né (trecho incompreensível) dificuldade de comunicação e tudo. Então, foi uma perda muito grande, perdi o terreno que eu tinha, sabe? Há muitos anos mantinha ele, e ainda no governo Juscelino, ele fez um loteamento ali na, onde é hoje o bairro, chama ali Lourdes, depois de Lourdes, ali, ao lado de Lourdes, ali, como chama ali? Onde tem a Assembleia Legislativa.

CLÁUDIA: Santo Agostinho.

JOSÉ MARIA: Santo Agostinho. E, e, e foram distribuídos, vendidos com condições favoráveis, 50 lotes ali, e eu me inscrevi e fui classificado, perdi um terreno ali. Cê imagina quanto é que custa um lote ali, sabe?

CLÁUDIA: Nossa, uma fortuna.

JOSÉ MARIA: Tava construindo uma casa na Pampulha, ali em frente ao Museu de Arte Moderna.

CLÁUDIA: Sei.

JOSÉ MARIA: Não, não, em frente ao, em frente ao, tem o...

VANESSA: Iate.

JOSÉ MARIA: Antes do Iate, como é que chama aquela...

CLÁUDIA: Casa do Baile.

JOSÉ MARIA: Casa do Baile, em frente à casa do Baile. Eu tinha um terreno ali que tava construindo. Perdi tudo, perdi os jornais, perdi tudo. E, e perdi uma parte da vida. Aliás, não perdi, não considero que tenha sido perdido, porque ela me enriqueceu tanto em termos de, de... Perdi muito porque é um sofrimento muito grande, a incerteza, a insegurança, a separação da família, a Tereza sozinha com os meninos aqui. Mas eu não me arrependo de nada, não. Eu acho que eu soube aproveitar essas vicissitudes pra tirar delas o lado positivo. E muita coisa que eu tenho hoje, inclusive essa segurança de falar sobre o passado, isso tudo foram conquistas desse período tão dramático. Cê imagina que um golpe já é muito, eu sofri três golpes.

CLÁUDIA: É, não é brincadeira, não.

JOSÉ MARIA: É.

VANESSA: E cuidado, viu, **JOSÉ MARIA**? Cuidado, cuidado com os seus estilingues, porque...

JOSÉ MARIA: Vou esconder estilingue aí. Vai com jeito, né? Vai com jeito, né?

VANESSA: Vai com jeit, que o estilingue pode ser outro.

JOSÉ MARIA: é.

VANESSA: Nossa, o trem tá feio demais.

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: É, a gente tá passando por coisa...

VANESSA: Eu tô com muito medo, nó.

JOSÉ MARIA: Ah, tem um cafezinho ali pra vocês aqui.

VANESSA: Oh, gente.

CLÁUDIA: Aqui, eu posso te aborrecer só um pouquinho? Só pra preencher uma ficha aqui. Seu nome, Zé Maria Rabelo.

JOSÉ MARIA: Com assentozinho agudo, é... circunflexo no “e”.

CLÁUDIA: No “e”. Data de nascimento?

JOSÉ MARIA: 14/08/28, 14 de agosto de 1928.

CLÁUDIA: Uhum. É, cidade?

JOSÉ MARIA: Campos Gerais, lá do Sul de Minas.

CLÁUDIA: Campos Gerais, eu conheço. Campos Gerais. Cê sabe documento de, documento de... boa tarde, tudo bom?

VANESSA: Casa invadida aqui.

JOSÉ MARIA: Carteira de identidade?

CLÁUDIA: É, identidade e CPF.

JOSÉ MARIA: Oh, **RENATO**, traz pra mim aquela, a carteira lá do, com os documentos.

RENATO: Ah, tá.

JOSÉ MARIA: Esse é meu neto.

VANESSA: Esse é neto?

JOSÉ MARIA: É.

CLÁUDIA: Ah, como é que vai? O endereço é esse Avenida Bandeirantes, esse eu tenho, que a Carina me mandou.

JOSÉ MARIA: É. 1067, né?

CLÁUDIA: É.

JOSÉ MARIA: Apartamento 302, 301. Então vamos tomar um café aqui?

CLÁUDIA: Cê tem o endereço eletrônico? Ele também pode me passar?

JOSÉ MARIA: Telefônico?

CLÁUDIA: É, não, eletrônico, é... e-mail.

JOSÉ MARIA: josemariarabelo.

CLÁUDIA: Tudo minúsculo?

JOSÉ MARIA: É. josemariarabelo@gmail.com.

CLÁUDIA: Ah tá. @gmail.com. Aí, se você, cê pode, tem duas fichas que eu gostaria que ocê assinasse, uma é essa aqui...

JOSÉ MARIA: Autorizando a alma...

CLÁUDIA: Autorizando.

JOSÉ MARIA: Passando a alma pra você?

CLÁUDIA: É. Autorizando o depoimento. Ah, ok. RG.

VANESSA: Não reproduziu tanto não, a família é grande, não é?

RENATO: É. Bisneto, não é? Só um, só um bisneto.

VANESSA: Já tem bisneto? É?

INTERLOCUTOR: Uma bisneta, é?

VANESSA: Gente, que ótimo, que coisa. Que a melhor coisa do mundo é neto, não é? Na pode falar na frente dele não, mas é a melhor pessoa.

JOSÉ MARIA: Eu gosto muito dele.

CLÁUDIA: Aqui, obrigada.

INTERLOCUTOR: Nada.

CLÁUDIA: Aí é só a sua assinatura nessas duas fichas aqui.

JOSÉ MARIA: Vamos tomar um café, desliga aí.

CLÁUDIA: Ah, então tá.

JOSÉ MARIA: Leva (trecho incompreensível) lá.